

Nascido de uma virgem

“O que pode ser afirmado sem provas também pode ser descartado sem provas”.
(CHRISTOPHER HARRIS).

Era costume muito comum de nossos antepassados colocar seus heróis como provindos de nascimentos sobrenaturais, cujas mães eram invariavelmente jovens virgens; ocorrência que também podemos verificar na mitologia de muitos dos povos da antiguidade, falando de deuses que, em contato com jovens virgens, geravam semideuses, os quais teriam, ao mesmo tempo, a condição de ser humano e divino.

Mulheres virgens se engravidando de deuses, somente se vê isso na mitologia antiga, onde é coisa comum, conforme o que se poderá ver em vários autores, como, por exemplo, nos vários que citaremos a seguir.

Pepe Rodríguez (1953-), no capítulo III, item “Nascer de virgem fecundada por Deus foi um mito pagão bastante difundido em todo o mundo antigo anterior a Jesus”, do livro *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, afirma:

Lendas pagãs deste género foram obviamente integradas na Bíblia, não só nos referidos relatos dos nascimentos de Sansão, de Samuel ou de João Batista, como, muito mais tarde, no relato do nascimento de Jesus. **Regra geral, desde tempos remotos, quando o personagem *anunciado* era de primeira ordem, a mãe era sempre fecundada por Deus, através de um procedimento milagroso que, fosse ele qual fosse, confirmava claramente o mito da concepção virginal.** Esta confirmação era particularmente patente na concepção dos deuses-Sol, uma categoria a que, como veremos, pertence a figura de Jesus Cristo. ⁽¹⁾ (grifo nosso)

E, um pouco mais à frente, completa:

Todos os grandes personagens, tenham sido eles reis ou sábios – como, por exemplo, os gregos Pitágoras (c. 570-490 a.C.) ou Platão (c. 427-347 a.C.) –, ou se tenham tornado o centro de alguma religião e acabado por ser adorados como “filhos de Deus” (Buda, Krishna, Confúcio e Lao Tsé) foram mitificados pela posteridade como filhos de uma virgem. Jesus, surgido muito depois, mas destinado a desempenhar um papel semelhante ao que os seus antecessores haviam desempenhado, não podia ter um estatuto inferior ao deles. **Desse modo, o budismo, o confucionismo, o taísmo e o cristianismo, ficaram indelevelmente marcados pelo facto de terem sido fundados por um “filho do Céu”, encarnado através do acesso directo e sobrenatural de Deus ao ventre de uma virgem especialmente escolhida e apropriada.** ⁽²⁾ (grifo nosso)

1 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, p. 100-101.

2 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, p. 103.

Acrescentamos Hans Küng (1928-), que também nos traz informações interessantes:

[...] **Na mitologia greco-helénica os deuses também contraem “matrimónios sagrados” com filhas de humanos, dos quais nascem filhos de deuses** tais como Perseu e Herácles ou também figuras históricas como Homero, Platão, Alexandre, Augusto. **É impossível deixar de reparar no seguinte: a concepção virginal em si não é algo exclusivamente cristão!** A ideia de concepção virginal, é, pois, segundo a exegese actual, utilizada por ambos os evangelistas como **lenda ou saga “etiológica”**, com o objectivo de apresentar uma “justificação” (grego, “aitía”) para a existência do filho de Deus. [...] ⁽³⁾ (grifo nosso, a não ser o da antepenúltima linha, que é do original)

Edward Carpenter (1844-1929) traz curiosas observações, quanto ao tema; vejamos:

Mas quase mais notável que a crença mundial nos salvadores é a lenda igualmente difundida de que eles nasceram de Mães-Virgens. **Não há quase nenhum deus – como já tivemos a oportunidade de ver – que seja adorado como um benfeitor da humanidade nos quatro continentes, Europa, Ásia, África e América – que não tenha nascido de uma Virgem, ou pelo menos, de uma mãe que atribuisse a concepção não a um pai humano, mas sim ao céu.** E isso parece, à primeira vista, o mais surpreendente, porque acreditar em tal possibilidade é muito absurdo para nossa mente moderna. Tanto que, enquanto pareceria natural que tal lenda tivesse se espalhado espontaneamente em alguma parte incivilizada do mundo, achamos difícil entender como, nesse caso, teria se espalhado tão rapidamente por todas as partes, ou – se não se espalhou – como podemos explicar seu surgimento *espontâneo* em todas essas regiões. ⁽⁴⁾ (grifo nosso)

Carpenter lista também vinte e uma semelhanças da história de Jesus com histórias antigas de deuses, o que não deixa de ser algo surpreendente; vejamos o que ele diz:

A história de Jesus, como vemos, tem muita semelhança com as histórias dos antigos deuses Sol e com o percurso atual do Sol nos céus – tantas coincidências, que não podem ser atribuídas à mera coincidência ou até mesmo a blasfêmias do Demônio! **Vamos enumerar algumas delas.** Há (1) **o nascimento da Virgem**; (2) o nascimento na manjedoura (caverna ou câmara subterrânea); e (3) em 25 de dezembro (logo depois do Solstício de Inverno). Há (4) a Estrela do Leste (Sírio) e (5) a chegada dos magos (os “Três Reis”); há (6) o Massacre dos Inocentes, e o vôo para um país distante (dito também de Krishna e outros deuses Sol). Há os festivais da Igreja de (7) Candelária (2 de fevereiro), com procissões das velas para simbolizar a luz crescente; há (8) a Quaresma, ou a chegada da primavera; há o (9) dia de Páscoa (normalmente em 25 de março) para celebrar a

3 KÜNG, *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*, p. 56.

4 CARPENTER, *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*, p. 108.

travessia do Equador pelo Sol; e (10) simultaneamente a explosão de luzes no Sepulcro Sagrado em Jerusalém. Há (11) a Crucificação e a Morte do carneiro-deus, na sexta-feira santa, três dias antes da Páscoa; há (12) a prisão feita com pregos em uma árvore, (13) o túmulo vazio, (14) a Ressurreição (nos casos de Osíris, Attis e outros); há (15) os doze discípulos (os signos do Zodíaco); e (16) a traição de um dos doze. Depois, há (17) o Dia do Meio do Verão, o dia 24 de junho, dedicado ao nascimento de João Batista, e correspondente ao dia de Natal; há as festas da (18) Assunção da Virgem (15 de agosto) e do (19) nascimento da *Virgem* (8 de setembro), correspondentes ao movimento do Sol por Virgem; há o conflito de Cristo e seus discípulos com os asterismos outonais, (20) a *Serpente* e o *Escorpião*; e finalmente há um fato curioso de que a Igreja (21) dedica o dia do Solstício de Inverno (quando qualquer um pode, naturalmente, duvidar do renascimento do Sol) a São Tomé, que duvidava que a Ressurreição fosse verdadeira! Algumas coincidências, mas não todas, estão em questão. Mas elas são suficientes, acredito eu, para provar – mesmo permitindo possíveis margens de erro – a verdade de nossa contenção geral. Entrar no paralelismo dos caminhos de Krishna, o deus Sol indiano, e Jesus demoraria muito tempo; porque, de fato, a semelhança é muito grande." Eu proponho, no entanto, ao final deste capítulo, que nos aprofundemos um pouco na festa cristã da Eucaristia, em parte por causa de sua relação com a derivação de rituais astronômicos e celebrações da Natureza já referidas, e em parte por causa da luz que a festa geralmente, seja ela cristã ou pagã, joga sobre as origens da Mágica Religiosa – um assunto que devo abordar no próximo capítulo. ⁽⁵⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

E, terminado essas citações, trazemos H. Spencer Lewis (1883-1939):

Posso acrescentar que nossos próprios registros de tradições antigas e escrituras sagradas **contêm muitas referências a movimentos religiosos da antiguidade, cujo grande líder era considerado "O Filho de Deus"**.

A Índia teve um grande número de Avatares ou Mensageiros Divinos, Encarnados por Concepção Divina, tendo dois deles levado o nome de "Chrishna", ou "Chrishna o Salvador". Consta que Chrishna **nasceu de uma virgem** casta chamada Devaki que, por sua pureza, fora escolhida para se tornar a mãe de Deus. Neste exemplo, encontramos a antiga história de uma virgem dando à luz um mensageiro de Deus divinamente concebido.

Buda foi considerado por todos os seus seguidores como *gerado por Deus* e nascido de uma virgem chamada Maya ou Maria. Nas antigas histórias sobre o nascimento do Buda, tais como são compreendidas por todos os orientais e como são encontradas em seus escritos sagrados muito anteriores à Era Cristã, vemos como o poder Divino, chamado o Espírito Santo, desceu sobre a **virgem Maya**. Na antiga versão chinesa dessa história, o *Espírito Santo* é chamado *Shing-Shin*.

Os siameses tinham igualmente **um deus e salvador nascido de uma virgem** e que eles chamaram Codom. Nesta velha história, a bela e jovem virgem fora informada com antecedência de que se tornaria mãe de um grande mensageiro de Deus e, um dia, enquanto fazia seu período usual de meditação, concebeu através de raios de sol de natureza Divina. O menino nasceu e cresceu de maneira singular e notável, tornou-se um protegido da sabedoria e fez milagres.

5 CARPENTER, *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*, p. 35-36.

Quando os primeiros europeus visitaram o Cabo Comorim, na extremidade sul da península do Índia, surpreenderam-se ao encontrar os naturais do lugar, que nunca haviam tido contato com as raças brancas, cultuando um Senhor e *Salvador* que **fora divinamente concebido e nascera de uma virgem**.

E quando os primeiros missionários jesuítas visitaram a China, escreveram em seus relatórios que haviam ficado consternados por encontrarem na religião pagã daquela terra a história de **um mestre redentor que nascera de uma virgem por concepção divina**. Ao que consta, esse deus havia nascido 3468 anos a.C. Lao-Tse, o famoso deus chinês, também nascera de uma virgem, de pele negra, sendo descrita como a bela e maravilhosa como o jaspe.

No Egito, bem antes do advento do cristianismo e muito antes do nascimento dos autores da Bíblia ou de qualquer doutrina concebida como cristã, **o povo egípcio já tivera vários mensageiros de Deus nascidos de virgens por Concepção Divina**. Hórus, segundo o sabiam todos os antigos egípcios, havia nascido da virgem Ísis, sendo sua Concepção e seu nascimento um dos três grandes mistérios ou doutrinas místicas da religião egípcia. Para eles, **todos os incidentes ligados à Concepção e ao nascimento de Hórus eram pintados, esculpidos, adorados e cultuados como o são os incidentes da Concepção e do nascimento de Jesus pelos cristãos de hoje**. Outro deus egípcio, Ra, nascera de uma virgem. Examinei uma das paredes de um antigo templo na margem do Nilo, onde há um belo quadro esculpido representando **o deus Tot – o mensageiro de Deus – dizendo à jovem Rainha Mautmes que daria à luz um Divino Filho de Deus, que seria o rei e Redentor de seu povo**.

Ao nos voltarmos para a Pérsia descobrimos que Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido em plena inocência, pela concepção de uma virgem. Antigos entalhes e pinturas deste grande mensageiro mostram-no cercado por uma aura de luz que inundava o humilde local de seu nascimento. **Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina, e nos registros de seu tempo ele é chamado de Cristo ou Filho unigido de Deus e considerado mensageiro de Deus.** ⁽⁶⁾ (grifo nosso).

Com o dito por esses escritores confirma-se, portanto, o que falamos a respeito de ser comum atribuir-se a certos personagens heroicos o nascimento de uma virgem.

Entendemos como um fato perfeitamente aceitável, em virtude desses fatores culturais, querer-se também atribuir a Jesus essa condição de nascimento sobrenatural e, como não poderia deixar de ser, nascido de uma virgem. O que não é natural é procurar manter, a todo custo, essa visão ingênua, ainda nos dias de hoje.

Por outro lado, os teólogos sempre quiseram colocar o sexo como coisa pecaminosa, motivo pelo qual Jesus não poderia ter vindo de “forma impura”; não é mesmo? Justifica-se, de certa maneira, o celibato sacerdotal, ou seja, os “santos” padres não poderiam praticar coisa considerada impura; assim não poderiam se casar.

Outro fator, que provavelmente veio em apoio ao celibato, foi a questão da

6 LEWIS, *A vida mística de Jesus*, p. 74-76.

herança dos padres, que, se casados, não seria incorporada ao patrimônio da instituição religiosa da qual faziam parte, já que teria que ficar com os familiares. Bom; mas isso é uma outra questão; assim, voltemos ao assunto central do texto.

Sempre dissemos que, por ser Jesus o primogênito, evidentemente, e pelo contexto cultural da época, já que viviam numa sociedade extremamente machista, Maria, ao se casar com José, era indubitavelmente virgem; assim, nesse sentido, podemos simbolicamente considerar Jesus como nascido de uma virgem.

Outra coisa que sempre falávamos é quanto à questão do sexo ser impuro. Não admitimos essa hipótese de forma alguma, já que foi Deus que fez o ser humano em duas polaridades; a masculina e a feminina, com órgãos sexuais diferentes.

Pensamos que, se o sexo for realmente “pecado”, devemos convir que Deus não foi muito justo conosco, pois, além de o conceber de forma a haver “atração fatal” entre os dois sexos – homem e mulher –, ainda por cima coloca prazer no ato sexual; mas de “espada em punho” diz: Se fizer é pecado ou é coisa impura. Absurdo teológico, que encontra campo fértil somente em cabeça de fanáticos, não na de pessoas dadas a utilizar a inteligência, de que Deus dotou a raça humana.

Vejamos os argumentos de Carlos Torres Pastorino (1910-1980):

A IMPOSIÇÃO DIVINA do uso do sexo para manutenção e multiplicação de Sua criação, nos diversos estágios evolutivos (plantas, animais e homens) vem provar que o sexo é SANTO. Não podemos admitir que Deus, Sábio e Bom, tivesse imposto obrigatoriamente as Suas criaturas uma condição que, ao cumpri-la, as tornasse imperfeitas. Se no ato sexual houvesse uma leve imperfeição sequer, ou um sinal de atraso espiritual, esse Deus seria monstruosamente mau, pois teria obrigado Sua criação a ser imperfeita e atrasada, a fim de manter e multiplicar Suas obras. Portanto, **compreendendo o ato sexual em si e a maternidade como perfeições altamente espiritualizantes** (porque são o cumprimento de uma Lei Divina), achamos que Maria se engrandece perante Deus com a maternidade normal, porque assim dá demonstração de ser fiel e obediente cumpridora da Vontade Divina. Compreendendo bem esse problema, o jesuíta padre Teilhard de Chardin atribui à sexualidade um sentido cósmico e afirma que o mundo não se diviniza por supressões, mas por sublimação, e ainda: que o homem e a mulher tanto mais se unirão a Deus, quanto mais se amarem, não vendo apenas o objetivo admirável mas transitório da reprodução, mas o de dar plena expansão à quantidade do amor, liberado do dever da reprodução. E diz claramente, sem subterfúgios: a mulher é, para o homem, o termo susceptível de impulsionar esse progresso para a frente. Pela mulher, e só pela mulher, pode o homem escapar ao isolamento, no qual sua própria perfeição se arriscaria prendê-lo. (*L'énergie humaine*, édition Seujl, pág. 93 a 96). Realmente a união sexual dentro do amor é a imagem mais fiel da união do homem com a Divindade, e por isso os místicos denominam essa unificação do homem com Deus de Esponsalício.

Na profecia de Isaías, o menino seria chamado אֱלֹהִים חִמְמָנוּ-עִי Himmanu-El, que significa Deus conosco, exprimindo a grande verdade de que Deus ESTA

REALMENTE DENTRO DE NÓS, está CONOSCO. (7) (grifo nosso)

Se sexo for mesmo pecado, então Deus, de antemão, condenou Adão e Eva a pecar, e por consequência toda a humanidade, quando disse ao suposto primeiro casal: “*Crescei-vos e multiplicai-vos!*” (Gn 1,22.28).

Se a mulher só “... **será salva pela sua maternidade**, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade” (1Tm 2,15) (grifo nosso), então ficamos num beco sem saída, pois, não havia como ser mãe sem fazer sexo (considerando a época de Paulo).

Vejamos, na narrativa de Mateus, o texto no qual tomam base para afirmar sobre a virgindade de Maria; ampliamo-lo um pouco mais, pois temos uma importante consideração a fazer.

Mt 1,18-25: “A origem de Jesus, o Messias, foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, e, antes de viverem juntos, **ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo**. José, seu marido, era justo. Não queria denunciar Maria, e pensava em deixá-la, sem ninguém saber. Enquanto José pensava nisso, **o Anjo do Senhor lhe apareceu em sonho**, e disse: ‘**José, filho de Davi**, não tenha medo de receber Maria como esposa, porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você lhe dará o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados’. **Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta**: ‘Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco’. Quando acordou, José fez conforme o Anjo do Senhor havia mandado: levou Maria para casa, e, sem ter relações com ela, Maria deu à luz um filho. E José deu a ele o nome de Jesus.” (grifo nosso)

Veja bem, caro leitor, que no texto bíblico está se afirmando que José, o pai, é filho de Davi, para estabelecer a ligação da criança como descendente do rei Davi. Ótimo isso, pois isso implica dizer que José é pai biológico de Jesus, porquanto, somente dessa maneira ele poderia ser descendente de Davi, a não ser que argumentem que o “Espírito Santo”, que creem ter fecundado Maria, seja também filho de Davi. Mas isso seria o máximo em apelação, não é mesmo?

Lucas afirma que Maria estava “*prometida em casamento a um homem chamado José, que era **descendente de Davi***” (Lc 1,27) (grifo nosso). E, para não pairar dúvidas, quanto a Jesus ter nascido biologicamente de José, trazemos uma fala

7 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho*, vol. 1, p. 55.

de Paulo aos romanos, quando, se referindo ao Mestre, disse: “... nascido da estirpe de Davi **segundo a carne**” (Rm 1,3) (grifo nosso). Portanto, admitir que Jesus não seja filho biológico de José está indo contrário ao que se deduz dos textos bíblicos; isso sem mencionarmos que não fere a lógica.

Maria Helena de Oliveira Tricca (1940-1997) em *Apócrifos I – Os proscritos da Bíblia*, cita a obra “A história de José o carpinteiro”, na qual lemos: “Assim José o Carpinteiro, **pai de Cristo segundo a carne**, abandonou esta vida mortal e viveu cento e doze anos. [...]”⁽⁸⁾ (grifo nosso), o que corrobora o dito por Paulo. Isso nos induz a concluir que àquela época não tinham Jesus como fruto de fecundação do Espírito Santo, mas um homem, nascido de homem.

Por outro lado, considerando que para os judeus “*Ruah* é palavra hebraica, feminina, que significa Espírito, [...]”⁽⁹⁾, é pouco provável que a utilizassem para sustentar que Maria havia se engravidado de uma mulher. Pode-se ver que em o Evangelho de Felipe, consta exatamente isso:

17. Alguns dizem que Maria concebeu por obra do Espírito Santo. Esses se equivocam, não sabem o que dizem. Quando alguma vez uma mulher foi concebida de uma mulher? Maria é a virgem a quem Potência alguma jamais manchou. Ela é uma grande anátema para os judeus que são os apóstolos e os apostólicos. Esta Virgem que nenhuma Potência violou, [...] enquanto que] as Potências se contaminaram. O Senhor não [teria] dito: “Pai meu que estás no céu”, se não tivesse outro pai; do contrário haveria dito simplesmente: “[Pai meu]”.⁽¹⁰⁾ (colchetes do original)

Ao que parece, alguns tradutores se prendem aos dogmas instituídos; como exemplo, citamos o Pe. Matos Soares, de quem trazemos essa explicação para Mt, 1,16:

José, esposo de Maria. O Evangelista, descrevendo a genealogia de São José, conforma-se com **o costume hebraico de só atender aos homens nas tábuas genealógicas**. Todavia, dá-nos, ao mesmo tempo, a genealogia de Jesus, visto que **Maria era também descendente de Davi**. – *Da qual nasceu Jesus*. O Evangelista não diz que José gerou Jesus, pois o Salvador foi concebido no seio de Maria, por obra do Espírito Santo. **São José não foi pai natural de Jesus**, mas somente pai legal, como verdadeiro e legítimo esposo de Maria.⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Nosso impasse está no seguinte: Ou Jesus é filho biológico de José, o que fazia dele o Messias esperado, ou é filho do “Espírito Santo” e não é o Messias.

8 TRICCA, *Apócrifos I- Os proscritos da Bíblia*, p. 197.

9 TRICCA, *Apócrifos II - Os proscritos da Bíblia*, p. 176.

10 TRICCA, *Apócrifos II - Os proscritos da Bíblia*, p. 182.

11 *Bíblia Paulinas*, 1957, p. 1178.

Era de se esperar que a dogmática, querendo sair do impasse, tentasse justificar-se dizendo que Maria também era filha de Davi; entretanto, “a emenda saiu pior que o soneto” (Bocage¹²), já que os judeus tinham a crença de que somente o homem é que dava a descendência; é por isso que todas as genealogias na Bíblia são traçadas em relação ao pai e não à mãe da pessoa.

Voltemos ao passo de Mateus, especificando os versículos que falam de uma virgem e a suposta profecia dizendo que Jesus, como Messias e filho de Davi, veio cumprir:

Mt 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: 'Vejam: **a virgem** conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco'”. (grifo nosso)*

Profecia: **Is 7,14**: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: **A jovem** concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel’”. (grifo nosso)*

Qualquer estudioso bíblico, não comprometido com alguma teologia, verá que esse passo de Isaías nada tem a ver com Jesus. Devemos, para melhor compreendê-lo, dizer que é preciso ler os versículos anteriores, iniciando pelo 10, porquanto são sempre subtraídos quando tentam apontar essa profecia:

Is 7,10-13: *“**Javé falou de novo a Acáz, dizendo: 'Pede para você um sinal** a Javé seu Deus, nas profundezas da mansão dos mortos ou na sublimidade das alturas'. Acáz respondeu: 'Não vou pedir! Não vou tentar a Javé!' Disse-lhe Javé: 'Escute, herdeiro de Davi, será que não basta a vocês cansarem a paciência dos homens? Precisam cansar também a paciência do próprio Deus?’” (grifo nosso)*

Estritamente dentro do contexto o sinal que Deus promete é ao rei Acáz, cuja mulher, uma jovem, estava grávida, fato que podemos confirmar:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre o reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o reino do Sul, para destronar o rei Acáz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acáz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. **O sinal prometido a Acáz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). ⁽¹³⁾ (grifo nosso)

12 <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=140926>, acesso em 12/05/2012, às 09:55hs.

13 Bíblia Sagrada Pastoral, p. 954-955,

Então, temos que, pelo contexto bíblico e confirmado por essa explicação, fica fácil perceber que Deus, na verdade, promete um sinal ao rei Acaz e esse sinal é o filho do rei que estava por nascer. Dar uma explicação fora disso é tentar distorcer a interpretação realista do texto.

Ademais, esse sinal é um fato presente e não algo para um futuro longínquo, ou seja, uma previsão; portanto, é agir fora do contexto, quando querem transformá-lo numa profecia a respeito de Jesus.

Além disso, o nome Jesus significa “Deus é salvação”; portanto, incontestavelmente, distinto de Emanuel que quer dizer “Deus está conosco”, exatamente o nome mencionado ao rei Acaz, o que a dogmática, cega pelo fanatismo, não consegue enxergar e, ao que parece, nem pretende.

Ampliando a explicação do verbete Emanuel, transcrevemos:

É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acaz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17). A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. O reino de Judá é ameaçado pelos sírios e efrimitas aliados, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das promessas feitas a Davi. Em vez de recorrer a essas promessas, Acaz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta? Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, **o nascimento anunciado deve ocorrer proximamente. Será Ezequias** – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23). ⁽¹⁴⁾ (grifo nosso)

Confirma-se, portanto, que a suposta profecia não se refere mesmo a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação acima.

Passar por cima do contexto histórico, ignorando as narrativas dos fatos, para aplicar ao que desejam, não é muito saudável, pois, a cada dia que se passa, a crítica literária vai revelando.

Não bastasse o que já apresentamos, há ainda um outro problema: é quanto ao significado da palavra hebraica **almah** usada em Isaías. Para os tradutores da Bíblia de Jerusalém “O termo hebraico ‘almah’ designa, quer a donzela, quer uma jovem

14 Dicionário Bíblico Universal, p. 226.

casada recentemente, sem explicitar mais.” (15)

Quanto a essa questão, vejamos estas outras explicações:

O fato de os cristãos tomarem como própria a tradução da LXX e de a usarem nas controvérsias com os judeus, conduziu a uma progressiva rejeição desta versão pelos judeus que acabaram substituindo-a por novas traduções mais fiéis ao texto rabínico. **Um exemplo típico de divergência entre o texto hebraico e o grego**, citado em todas as controvérsias entre judeus e cristãos é **Is 7,14, onde a LXX traduz o termo hebraico 'almâ, “jovem (casada ou recém-casada)”, por parthénos, “virgem” em vez do mais apropriado neânis**. Os judeus rejeitaram esta tradução da LXX, pois os cristãos viam nela uma profecia do nascimento virginal de Cristo (d. p. 621). (16) (grifo nosso)

Por outro lado, um erro de leitura pode originar um novo texto considerado inspirado, embora isto não signifique que a doutrina exposta derive necessariamente do erro textual cometido. O caso mais chamativo é a citação em Mt 1,22 de, Is 7,14: “a virgem conceberá um filho”. Não se trata, neste caso, de erro do copista, nem de tradução errada. **O que se produziu foi um deslocamento de significado**. Os tradutores gregos entendiam perfeitamente o sentido da palavra hebraica 'almâ, traduzida por parthénos no sentido de “jovem” e não de “virgem”. Os cristãos, que criam no nascimento misterioso de Cristo, interpretaram o texto de Is como profecia do nascimento “virginal” do Messias, atribuindo ao termo parthénos o significado de “virgem”. (17) (grifo nosso)

Sustentar, como o faz a Igreja Católica, que almah de Isaías foi uma virgem implica persistir conscientemente num engano por motivos doutrinários interesseiros, sobretudo quando se sabe que as outras almah bíblicas foram corretamente traduzidas por moçoilas, como pode-se ver na almah de Provérbios (18) e nas alamoth do Cântico dos Cânticos (19) que, obviamente, segundo se deduz pelo contexto, perderam a sua virgindade, respectivamente, na sequência do “rastros do homem” e da sua função no harém real.

Todas as versões independentes – ou, simplesmente, não católicas – da Bíblia traduziram a almah de Isaías por moçoila (ou por donzela) (20), o que não só é lógico, como coerente com a sequência do texto de Isaías. Aliás, este, no início do texto citado, concentra-se apenas no nome que seria dado à criança, ignorando totalmente a mãe, o que seria absurdo se se tratasse de uma

15 Bíblia de Jerusalém, p. 1265.

16 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 369.

17 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 397-398.

18 Nota da transcrição (N.T.): “Três coisas me espantam e há uma quarta que não alcanço: o rasto da águia nos ares, o rasto da serpente sobre a rocha, o rasto do navio no meio do mar e o rasto do homem na moçoila” (Prov 30,18-19).

19 N.T.: “Setenta são as rainhas, oitenta as concubinas, e inúmeras as moçoilas” (Cant 6,8).

20 N.T.: O versículo 14, tal como aparece traduzido na Bíblia católica de Nácar-Colunga, “Eis que a virgem grávida dá à luz um filho e lhe põe o nome de Emmanuel”, **não é uma tradução correcta do original, já que neste o que se diz é exactamente o seguinte: “Vês esta moçoila engravidada que vai dar à luz um filho. Seu filho chamar-se-á Emmanuel...”** que tem um sentido descritivo absolutamente diferente, pois **coloca o facto no presente, evitando, desse modo, qualquer especulação profética**. (grifo nosso)

virgem, que, permanecendo tal, estivesse prestes a dar à luz. [...]. ⁽²¹⁾ (grifo nosso)

A referência à profecia de Isaías é também estropiada. A passagem citada encontra-se efetivamente no livro desse profeta (VII, 14), mas, no contexto, ela não anuncia a vinda do Messias. A palavra hebraica *alma* nessa passagem significa “mulher jovem”, e não «virgem». E Isaías nada diz aí sobre o Messias: “Mas, antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, o país do qual tu temes os dois reis será abandonado”. (*Isaías*, VII, 16). **Isaías não atribui nada de sobrenatural ao seu nascimento, ele prediz que a criança verá a luz em uma época que precede de sete séculos a data dos evangelhos e diz, aliás, que o hão de chamar de Emanuel.** Para eliminar esta contradição, Mateus pretende que um anjo visto em sonho por José lhe ordenou que desse ao menino o nome de Jesus, que quer dizer em hebreu “Deus Salvador”.

Portanto, nada neste capítulo pode servir para confirmar a historicidade de Jesus. Ao contrário, sua genealogia, a concepção imaculada, **a citação de Isaías**, o anjo que apareceu a José, **demonstram que Mateus procurou, bastante desajeitadamente aliás, juntar as profecias sobre o Messias, e os elementos dos cultos orientais**, o que nos permite discernir facilmente as partes constitutivas do mito de Jesus. ⁽²²⁾ (grifo nosso)

Mateus faz também referência a um antigo adágio do profeta Isaías: “eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” - como se dissesse que a gravidez de Maria era a realização dessa profecia (*Isaías* 7:14). ⁽²³⁾ **Mas Isaías faz referência a uma criança que deveria nascer na sua própria época, no século VIII a.C., cujo nascimento seria um sinal para o rei Ahaz**, que então governava. **A palavra hebraica (*almah*) que Mateus traduz por “virgem”, em sua versão grega, significa “jovem mulher” ou “donzela”, sem introduzir qualquer implicação miraculosa.** ⁽²⁴⁾ A criança receberia o nome pouco comum de Emanuel, que significa “Deus conosco”, e Isaías garante ao rei Ahaz que, antes que essa criança tenha idade suficiente para distinguir “o bem do mal”, os assírios que ameaçavam Jerusalém e a Judeia seriam removidos da face da terra. Ahaz não teria que esperar muito tempo. **Mateus infere que a profecia de Isaías foi “realizada” pelo miraculoso nascimento virgem de Jesus – o que claramente não é o sentido do texto original.** ⁽²⁵⁾ (grifo nosso)

Durante esses anos sombrios Isaías fora conformado pelo nascimento iminente de um bebê real, indício de que Deus ainda estava com a casa de Davi. **“Uma jovem (*almah*) está grávida e logo dará à luz um filho que se chamará Immanu-El**

21 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, p. 131.

22 LENTSMAN, *A origem do cristianismo*, p. 175.

23 N.T.: Todas as traduções da Bíblia foram feitas por mim, exceto se indicado de outra forma. Empreguei itálico para enfatizar determinadas partes.

24 N.T.: A tradução grega da Bíblia hebraica, conhecida como Septuaginta ou LXX, usou a palavra *parthenos* em *Isaías* 7:14. **Significa “virgem”, porém o sentido evidente do contexto não é o de uma mulher que engravida sem nenhum homem, mas de uma menina virgem que nunca fez sexo ficando grávida.** Este bebê singular não nasceria de uma mulher que já teve filhos, mas de uma que era virgem quando ficou grávida. Como Mateus escreveu em grego e está citando *Isaías*, ele também usa a palavra *parthenos*. Quanto a Versão Revisada do Antigo Testamento foi publicada, em 1952, os tradutores empregaram corretamente o termo “jovem”, em vez do tradicional “virgem”, em *Isaías* 7:14. A tradução foi denunciada por muitos cristãos fundamentalistas como uma tentativa comunista diabólica de solapar a fé no “nascimento virgem de Cristo”. (grifo nosso)

25 TABOR, *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, p. 59-60.

(Deus-conosco)”⁽²⁶⁾ Seu nascimento seria ainda uma fonte de esperança, “uma grande luz”, para o traumatizado povo do norte, que “caminhava nas trevas” e na “profunda escuridão”.⁽²⁷⁾ **Quando o bebê nasceu, foi de fato chamado Ezequias**, e Isaías imaginou toda a Assembleia Divina celebrando a criança real, que, como todos os reis davídicos, se tornaria uma pessoa divina e um membro do conselho celeste: no dia de sua coroação, ele seria chamado de “Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz!”.⁽²⁸⁾ ⁽²⁹⁾ (grifo nosso)

[...] **Não há nenhuma evidência, a não ser nos tendenciosos escritos da Igreja surgidos depois, de que Jesus jamais tenha se considerado outra coisa a não ser um judeu entre judeu**, buscando a realização do judaísmo – e, provavelmente, o retorno da soberania judaica no mundo romano. Como muitos autores já observaram, as diferentes linhagens de profecias hebraicas que foram forçadas a coincidir com o ministério de Jesus revelam a defesa da doutrina cristã, e muitas vezes a má formação cultural dos autores dos Evangelhos.

Para moldar a vida de Jesus conforme as profecias do Velho Testamento, os autores dos evangelhos de Lucas e Mateus, por exemplo, insistem que Maria o concebeu virgem (parthenos em grego), em referência à versão em grego de Isaías 7,14. Infelizmente para os que gostam da ideia da virgindade de Maria, a palavra hebraica *almá* (para a qual *parthenos* é uma tradução errônea) significa simplesmente “mulher jovem”, sem qualquer implicação de virgindade. Parece quase certo que o dogma cristão do parto virgem, e boa parte da ansiedade resultante a respeito do sexo tenham resultado de uma tradução do original hebraico.⁽³⁰⁾

Outro golpe contra a doutrina do parto virgem é que os outros evangelistas, Marcos e João, parecem não saber nada a respeito disso – embora ambos se mostrem perturbados com as acusações de ilegitimidade de Jesus.⁽³¹⁾ Aparentemente, Paulo acredita que Jesus era filho de José e Maria, e refere que Jesus “nasceu da semente de Davi segundo a carne” (Romanos 1,3 – ou seja, José era seu pai), e “nascido de mulher” (Gálatas 4,4 – significando que Jesus era realmente humano), sem referência alguma à virgindade de Maria.⁽³²⁾ ⁽³³⁾ (grifo nosso)

Confirma-se, mais uma vez, que não se trata mesmo de alguma profecia que diz

26 N.T.: Isaías 7:14. Essa é uma tradução literal do versículo, não segue a versão tradicional da Bíblia de Jerusalém.

27 N.T.: Isaías 9:1.

28 N.T.: Isaías 9:5-7.

29 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 25.

30 N.T.: Ver B. M. Metzger e M. D. Coogan (eds), *The Oxford companion to the Bible* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1993), pp. 789-90, e A. N. Wilson, *Jesus: A life* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 79. Já foram observados muitos outros pares de citações entre o Velho e o Novo Testamentos que não sustentam: Mat 2,3-5 e Miq. 5,2; Mat. 2,16-18 e Jer. 31,15/Gên. 35,19; Mat. 8,18 e Isa. 53,4; Mat. 12,18 e Isa. 42,1-4; Mat. 13,53 e Sal. 78,2; Mat. 21,5 e Zac. 9,9/Isa.62,11. Mat. 27,9-10 afirma cumprir uma profecia que atribui erroneamente a Jeremias, quando, na realidade, aparece em Zacarias 11,12 – eis aí mais evidências de que “A Bíblia não erra”.

31 N.T.: Era considerável o estigma ligado à ilegitimidade entre os judeus no século I d.C. Ver S. Mitchell, *The gospel according to Jesus* (Nova York: HarperCollins, 1991).

32 N.T.: Ver *ibid.*, p. 78, e J. Pelikan, *Jesus through the centuries* (Nova York: Haper and Row, 1987), p. 80.

33 HARRIS, *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*, p. 109.

respeito a Jesus, mas de algo que aconteceu no século VIII a.C.

Deixamos para citar Pastorino, por último, visto ele também apresentar algo que dissemos:

A profecia de Isaías afirma que uma virgem conceberá e dará à luz um filho. O termo virgem merece ser estudado.

Em hebraico há duas palavras: **betulân**, que especificava a virgindade como certa; e **almâh** que exprimia uma oposição, sem garanti-la. Ora, Isaías escreve exatamente **almâh**. E verificamos que, em Deut. 22:23, a noiva, e mesmo a esposa recém-casada era chamada **ne'arah betulâh**.

Em grego a palavra παρθένοσ exprime o mesmo: virgem, mas em sentido genérico tanto que as moças noivas e também as recém-casadas eram assim chamadas, e isso na própria Bíblia (cfe. Deut. 22:23; 1 Reis 1:2; Ester 2:3). Em todas essas passagens, a palavra **virgem** designa a moça que é dada a alguém para **deitar-se com ele**, supondo-se que se trata de uma virgem, isto é, de moça ainda não ligada pelo casamento a um homem.

A mesma designação é atribuída a Maria, demonstrando que, ao lhe ser dada como noiva, era virgem, o que é natural e normal. No entanto, em nenhum local dos Evangelhos se diz, nem se supõe, que Maria continuou Virgem **depois**. Ela era virgem **quando concebeu**, o que de modo geral ocorre com todas as moças.

Esses nossos esclarecimentos não visam a diminuir o respeito e a veneração que todos temos pela Mãe Santíssima de Jesus, pois o fato da virgindade nenhuma importância apresenta diante da espiritualidade. ⁽³⁴⁾ (grifo do original)

Além de corroborar o que foi dito a respeito da palavra *almah*, apresenta, no penúltimo parágrafo, um argumento que confirma o que nós dissemos a respeito de como podemos considerar Jesus nascido de virgem.

Certamente, que uma tradução errada leva inevitavelmente a uma interpretação equivocada. Entretanto, algo bem mais curioso, que esse problema na tradução, encontramos na cultura persa com Tom Harpur (1929-), ao citar Graves, quanto a uma profecia idêntica à de Jesus:

[...] Kersey Graves, no seu livro *The World's Sixteen Crucified Saviours*, cita **uma profecia de Zoroastro, divindade persa: “Uma virgem deverá conceber e gerar um filho, e uma estrela deverá aparecer brilhando no meio-dia para indicar o acontecimento”**. Zoroastro disse aos seus seguidores: **“Quando virem a estrela, sigam-na até onde os levar. Adorem a criança misteriosa, oferecendo-lhe presentes** com profunda humildade. Ela é na realidade a Palavra Onipotente que criou o céu. Ela é na realidade o seu Senhor e Rei eterno”. ⁽³⁵⁾ (grifo nosso)

Dessa fala de Graves temos mais alguns “graves” problemas, com os quais se estabelece uma semelhança desconcertante com fatos narrados a respeito de Jesus.

34 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho*, vol. 1, p. 55.

35 HARPUR, *O Cristo dos pagãos*, p. 51.

Vejam, que a profecia de Zoroastro dizia de uma estrela que deveria levar ao menino, o que Mateus narra (cap. 2), magos seguindo uma estrela que localizou Jesus, ao qual ofereceram presentes, como também previsto oferecer a Zoroastro. Sobre estes presentes vejamos:

[...] ou os rituais como os efectuados na Pérsia, já na época do rei Dario I (521-486 a.C.), mas que provavelmente remontam a muito antes, em que **os magos/sacerdotes ofereciam a Ahura-Mazda (o principal deus solar)** ⁽³⁶⁾ **os presentes de ouro, incenso e mirra** que aparecem citados em Mt 2,11. ⁽³⁷⁾ (grifo nosso)

Ouro, incenso e mirra, tal e qual os magos ofereceram ao filho de Maria, conforme narrativa de Mateus (Mt 2,11), certamente, utilizaram-se de uma profecia persa para aplicá-la a Jesus.

Geza Vermes (1924-), em seu livro *Natividade*, também trata da concepção virginal e da profecia de Isaías; leiamos:

A concepção virginal em Mateus e a profecia de Isaías

Até aqui, Mateus contou uma história desconcertante. A não ser pela alusão a algum tipo de envolvimento do **Espírito Santo, uma expressão para designar o poder através do qual Deus age no mundo**, o anjo do sonho não esclarece como Maria engravidou. O evangelista então intervém e lança uma nova luz sobre a questão valendo-se de uma profecia do Antigo Testamento, segundo a qual uma virgem virá a dar à luz o Salvador do povo judeu. Na versão do Evangelho para as palavras de Isaías, diz a profecia: “Eis que a *Virgem* conceberá e dará à luz um filho que se chamará *Emanuel*, que significa 'Deus conosco'” (Isaías 7,14, em Mt 1,23).

Este é o primeiro texto bíblico apresentado como prova por Mateus em sua narrativa da infância. Em Lucas não há nenhum. Mas **esse testemunho profético**, cujo objetivo é anunciar uma gravidez milagrosa ou concepção virginal, **só é eficaz sob uma condição: ele funciona apenas se for seguida a versão da Septuaginta grega para Isaías 7,14, destinada a um público grecófono e interpretada como os leitores gregos o entenderiam**. Como se sabe, a forma que subsistiu do Evangelho de Mateus é a grega e, como tal, seu alvo era obviamente um público grego. Contudo, o público original para o qual a tradição da narrativa do nascimento de Jesus foi desenvolvida era de judeus palestinos e o idioma em que foi inicialmente transmitida seria o aramaico ou, possivelmente, o hebraico, *não* o grego. Também é evidente que para esses palestinos, em sua maioria judeus da Galileia, o texto de Isaías teria sido extraído da Bíblia hebraica, *não* da Septuaginta grega.

O que nos deixa em um verdadeiro dilema. Para aludir à mulher que virá a conceber e dar à luz um filho, Isaías 7,14 **em hebraico não se refere a uma virgem, ou *betulah* em hebraico, mas a uma *'almah*, isto é, “uma jovem**

36 N.T.: Na inscrição de Naqsh i Rustam, do tempo de Dario I, é afirmado que “Ahura-Mazda é um grande deus. Criou esta terra. Criou o céu. Criou o homem. Criou a felicidade do homem. Fez de Dario um rei”.

37 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, p. 105.

mulher”: termo neutro que não implica necessariamente virgindade. Por exemplo, no Cântico dos Cânticos 6,8 o termo “jovens mulheres” (*'alamot*) aparece em paralelo com “rainhas e concubinas”, que seguramente não são virgens. Ademais, é muito improvável que a *'almah* mencionada em Isaías 7, a jovem que no futuro próximo há de conceber e dar à luz um filho, seja virgem. O contexto sugere que ela já é casada, e esposa do então rei judeu, Acaz, ao fim do século VIII a.C.

Quando fala em *'almah*, o texto hebraico de Isaías em lugar algum especifica que ela ainda é virgem ou que está prevista uma concepção milagrosa de qualquer tipo. O sinal profético em Isaías 7,14, em hebraico, está não na condição virginal da mãe, mas no significado do nome que ela deverá dar a seu filho - “Emanuel” - sugerindo que o futuro príncipe, em conformidade com o bom augúrio expresso no nome, “Deus conosco” trará proteção divina aos habitantes de Jerusalém, naquela época sob ameaça de dois reis inimigos que sitiavam a cidade (ver Isaías 7,16). Considerando tudo isso, a conclusão a que se chega é que o relato semita subjacente à versão grega de Mateus que conhecemos de forma alguma poderia conter uma previsão da concepção *virginal* do Messias.

Como então esta noção entrou no Evangelho da Infância, de Mateus? Por puro acidente, o tradutor da Septuaginta usou para o termo hebraico *'almah* de Isaías 7,14 a palavra grega *parthenos* (virgem), que, no entanto, pode também significar solteira ou mulher não-casada que não seja necessariamente virgem. O Mateus “grego” ou o editor grego do Mateus semita topou com essa tradução imprecisa e a adotou. Esse feliz achado permitiu-lhe apresentar a seus leitores de fala grega a concepção de Jesus como única e situada em posição muito superior a todas as outras concepções milagrosas do Antigo Testamento.

Existe uma prova incontestável de que uma proporção substancial do público visado pelo texto final de Mateus era composta por gregos, que não tinham conhecimento do hebraico. Em Mateus 1,23, o nome hebraico “Emanuel” na citação de Isaías é apresentado com uma tradução para explicar seu significado: “Deus conosco”. Como se sabe, o original hebraico de Isaías não inclui tal interpretação e, o que é mais importante, ela também não consta da tradução grega da Septuaginta. Os judeus da diáspora, para quem a Septuaginta foi produzida, supostamente deveriam saber o que significava Emanuel. O comentário grego a essa citação em Mateus – “que significa Deus conosco” – é obviamente criação do próprio evangelista, para auxiliar seus leitores gregos não-judeus. Assim, aplicada a Maria, a profecia de Isaías em sua versão grega destinava-se a transmitir ao público grego da narrativa materna da infância que “Jesus-Emanuel” ou “o Messias-Filho de Deus” seria concebido através do Espírito Santo e milagrosamente gerado por Maria *na condição* de virgem.

O Mateus grego, conseqüentemente, afirma que a concepção virginal é demonstrada pela citação de Isaías. No entanto, o argumento do evangelista está invertido. Ele quer que seu leitor entenda que o evento representa o cumprimento da profecia; em outras palavras, que a concepção de Jesus por Maria ocorreu porque, de acordo com Isaías, assim estava predestinada por Deus. A verdade é bem o contrário: a ideia da “*parthenos* que concebe”, fornecida pela profecia, é que motivou a história. Foi o texto grego de Isaías 7,14 que proporcionou a Mateus uma fórmula surpreendente para exprimir o caráter milagroso do nascimento de Jesus, como o cumprimento de uma previsão das escrituras.

Repetindo pela última vez, **a concepção virginal é uma extrapolação das palavras da Septuaginta, fazendo uso de material histórico, apresentada a, e compreendida por, leitores cristãos gentios helenistas do Evangelho de Mateus. A história do nascimento de Jesus, contada em aramaico ou hebraico e citando Isaías em hebraico, jamais poderia ter dado origem a tal interpretação.** Mas em grego, em combinação com a exegese literal do nome “Emanuel = Deus conosco” tornou-se a fonte da qual surgiu o conceito do Filho divino de mãe virgem. É preciso reiterar, mesmo que seja *ad nauseam*, que tal evolução somente foi possível em um meio cultural helenístico grecófono. Os antecedentes ideológicos da mitologia greco-romana e as lendas sobre a origem divina de figuras eminentes da época e de um passado recente (ver Capítulo 4) propiciaram um campo fértil para o crescimento do que viria a ser, no jargão teológico cristão, a *Cristologia*. Com o tempo, através de Paulo, de João e dos filosofantes Padres da Igreja gregos, essa ideia original evoluiu para a deificação de Jesus, Filho da Virgem grávida de Deus (*Theotokos*).

Também é possível contestar que a ideia da concepção virginal inferida no texto de Mateus, com seu uso da versão da Septuaginta para Isaías, era de origem cristã-gentia helenística, pela posição adotada pelo antigo cristianismo judaico sobre o assunto. Facetas importantes da doutrina desses cristãos-judeus, conhecidos como os ebionitas ou os Pobres, foram preservadas nos escritos dos apologistas da Igreja, que procuravam refutá-las. Sob a denominação de ebionitas, devemos entender comunidades cristãs-judaicas que, após sua separação da Igreja cristã-gentia central, provavelmente na virada do século I d.C., sobreviveram ainda por mais duzentos ou trezentos anos. Através do Padre da Igreja Irineu, do fim do século II, que foi bispo de Lião, e do historiador da Igreja Eusébio de Cesareia, do século IV, sabemos que os ebionitas rejeitavam a doutrina do nascimento virgem. **Eusébio deixa claro que, para eles, Jesus era “o filho de uma união normal entre um homem e Maria”** (*História Eclesiástica* 3,27). Irineu anteriormente havia argumentado, usando frases emprestadas do Novo Testamento, que os ebionitas “se recusavam a entender que o Espírito Santo havia vindo a Maria e que o poder do Altíssimo a havia envolvido com sua sombra” (*Contra as Heresias*, 5,1, 3). Ele explicava ainda que a fim de sustentar seus ensinamentos e “puxar o tapete” da ortodoxia cristã, os ebionitas defendiam a versão grega de Teodósio e Aquila como mais correta do que a Septuaginta, e substituíram o *parthenos* (virgem) desta última pelo termo *neanis* (jovem mulher) em sua tradução de Isaías 7,14 (*ibid.* 3,21, 1). Na opinião deles, a prova de que a Septuaginta não era confiável representava o fim da doutrina de Mateus e da Igreja cristã a respeito de concepção virginal.

Com efeito, a (*almah* do Isaías hebraico e o correspondente *neanis* de Aquila e Teodósio revelam a fragilidade da ideia do nascimento virgem, conforme concebida pelo Mateus grego. Sua adoção pelo evangelista (ou por seu editor final) tornou inevitável a revisão da formulação direta da genealogia (A gerou B etc.), com vistas a excluir a paternidade de José; e tem também o efeito imprevisto de prejudicar a prova montada para autenticar a legitimidade de Jesus como Messias descendente direto de Davi, através de José. ⁽³⁸⁾ (grifo nosso)

Em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, o autor James D. Tabor (1946-), tece explicações interessantíssimas a respeito da virgindade

38 VERMES, *Natividade*, p. 74-79.

de Maria, que não podemos deixar de transcrevê-las:

[...] É fácil imaginar que os cristãos primitivos acreditavam em Jesus e o queriam tão louvado e celestial quanto qualquer dos heróis e deuses gregos e romanos, e **se apropriaram dessa maneira de contar a história do seu nascimento como uma maneira de afirmar que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino**. Os intérpretes modernos, que adotam essa abordagem para as histórias, afirmam habitualmente que José era provavelmente o pai, e que esses relatos sobrenaturais eram inventados pelos discípulos de Jesus para atribuir-lhe honras e promover seu status elevado de uma maneira comum a essa cultura. ⁽³⁹⁾ (grifo nosso)

[...] **O ensinamento sobre a “virgindade perpétua” simplesmente não é encontrado no Novo Testamento** e não faz parte dos primeiros credos cristãos. A primeira menção oficial a essa ideia só vem a partir de 374 d.C., com o teólogo cristão Epifânio. ⁽⁴⁰⁾ A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria. ⁽⁴¹⁾ ⁽⁴²⁾ (grifo nosso)

A própria disciplina dos historiadores os obriga a trabalhar dentro dos parâmetros de uma visão científica da realidade. **As mulheres nunca engravidam sem um homem**. Portanto, Jesus tinha um pai humano, quer consigamos identificá-lo, quer não. Os corpos mortos não ressuscitam – se considerados clinicamente mortos – como fora seguramente o caso de Jesus depois da crucificação romana e de três dias em uma tumba. Portanto, se a tumba estava vazia, **a conclusão histórica é simples – o corpo de Jesus fora removido por alguém e possivelmente sepultado em outro local**. Os historiadores podem se referir ao que foi dito por Paulo ou aos relatórios sobre as aparições que circulavam na altura em que os evangelhos foram escritos, mas **esses escritos, feitos décadas depois do acontecimento, testemunham mais o desenvolvimento das crenças teológicas do que o que teria acontecido**. Alguns estudiosos questionaram a veracidade histórica da própria história da tumba vazia, argumentando ter sido desenvolvida para sustentar a alegação teológica de que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos. **Mas dada a natureza apressada e temporária do sepultamento de Jesus, era de esperar que a tumba estivesse vazia**. Nunca houve a intenção de que Jesus permanecesse naquela tumba. A questão que se põe é: o que aconteceu com seu corpo? Onde e por quem poderia ter sido sepultado permanentemente? A resposta mais curta é que não sabemos, e qualquer sugestão é especulativa. Mas temos, ainda assim, algumas pistas em nossas fontes que nos permitem reconstruir algumas possibilidades plausíveis.

Existem algumas histórias alternativas aos evangelhos do nosso Novo Testamento. Tertuliano, um autor cristão do século III, nos fala de uma polêmica em

39 TABOR, *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, p. 76.

40 N.T.: **A ideia da virgindade perpétua de Maria foi afirmada no 2º Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. e no Concílio de Latrão, em 649**. Embora seja uma parte do dogma católico solidamente estabelecida, nunca foi, no entanto, objeto de uma declaração de infalibilidade pela Igreja Católica Romana. (grifo nosso)

41 N.T.: Essa é a chamada visão elvídica, em homenagem a Elvídio, um escritor cristão do século IV, que Jerônimo procura refutar. Eusébio, o historiador da igreja do século IV, cita regularmente fontes antigas e refere-se a irmãos de Jesus “segundo a carne”, certamente concebendo-os como filhos de Maria e José. Consulte Eusébio, *Church History* 2.23;3.19.

42 TABOR, *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, p. 90.

voga nessa época: o corpo de Jesus fora removido pelo jardineiro do cemitério, que temia ver suas plantas pisoteadas pelas multidões em visita à tumba. ⁽⁴³⁾ Em um antigo texto medieval chamado *Toledot Yeshu*, o jardineiro leva o corpo e o sepulta em um riacho próximo, temendo que os discípulos se antecipassem e levassem o corpo, alegando que ele havia sido ressuscitado dos mortos. Há um texto copta do século VI d.C. que até nos diz o nome do jardineiro, Filógenes. Nessa versão, o jardineiro planeja levar o corpo para sepultá-lo condignamente, mas, à meia-noite, quando fora buscá-lo, a tumba estava rodeada de anjos e ele testemunhara Jesus ressuscitando dos mortos. ⁽⁴⁴⁾ Todas essas histórias sobre um jardineiro parecem ser embelezamento ao evangelho de João, em que Maria de Madalena, confundindo Jesus com o jardineiro, ao encontrá-lo na tumba, pergunta-lhe: “Se foste tu que o tiraste, dize-me onde o puseste” (João 20:15). ⁽⁴⁵⁾ (grifo nosso)

O que ainda não conseguimos entender é que em Paulo, autor dos primeiros escritos cristãos e em Marcos autor do primeiro Evangelho, não se vê nada sobre virgindade de Maria, conforme constatou Hans Küng:

[...] Nas cartas de Paulo, os documentos mais antigos do Novo Testamento, **refere-se de forma lapidar, sem mencionar nomes, o nascimento de Jesus “de uma mulher” (Ggl 4,4), mas não de “uma virgem”** – com vista a acentuar a humanidade de Jesus.

O Evangelho mais antigo de **Marcos desconhece a história do nascimento** e prossegue logo, sem todos os sonhos, com João Baptista e com a vida pública de Jesus e com os seus ensinamentos, sobre os quais infelizmente não se encontra uma palavra no apostolado. [...]. ⁽⁴⁶⁾ (grifo nosso)

Deduz-se disso que, muito provavelmente, tais coisas foram acrescentadas por conta do desenvolvimento da mitificação de Jesus, para elevá-lo à condição de um deus.

Mais taxativo é o “erudito Alfred Loisy, especialista em estudos bíblicos e historiador das religiões” ⁽⁴⁷⁾, cuja fala, citada por Pepe Rodríguez, transcrevemos:

“para afastar os relatos do nascimento milagroso e da concepção virginal, basta observar que foram ignorados por Marcos e por Paulo, e que entre o de Mateus e o de Lucas não há concordância, **apresentando ambos todas as características de uma pura invenção**” ⁽⁴⁸⁾ (grifo nosso)

Na verdade, não há como não pensar na hipótese de invenção, visando o “endeusamento” de Jesus, para igualá-lo com certos heróis e deuses da antiguidade.

Resolvemos fazer um levantamento nas Bíblias para ver qual seria os termos

43 N.T.: Tertuliano, *De Spectaculis* 30.

44 N.T.: *Book of the Resurrection of Christ by Bartholomew the Apostle* 1.6-7.

45 TABOR, *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, p. 250-251.

46 KÜNG, *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*, p. 57.

47 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, p. 98.

48 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, p. 98.

utilizados por elas nos textos de Isaías e de Mateus:

Bíblias consultadas	Isaías 7,14	Mateus 1,23
01 - TEB	A jovem	A virgem
02 - De Jerusalém	A jovem	A virgem
03 - Do Peregrino	A jovem	A virgem
04 - Santuário	A jovem	A virgem
05 - Vozes	A jovem	A virgem
06 - Novo Mundo	Donzela	A virgem
07 - Ave-Maria	Uma virgem	A virgem
08 - Paulinas - Pe Matos ⁽⁴⁹⁾	Uma virgem	A virgem
09 - SBB	Uma virgem	A virgem
10 - SBB - Nova versão (NTLH)	A jovem	A virgem
11 - Anotada	A virgem	A virgem
12 - Barsa	Uma virgem	Uma virgem
13 - Shedd	A virgem	A virgem
14 - SBTB	A virgem	A virgem

Das quatorze traduções, em seis delas constam em Isaías a jovem/donzela, ou seja, 47%. Embora não seja a maioria é bem significativo e pouco producente evocar para a tradução a palavra virgem, como se faz ao traduzirem Mateus. Aliás isso, conseqüentemente, prova a contradição em relação aos que traduziram Isaías como jovem/donzela.

Além disso, ainda temos a SBB com duas “traduções” para o mesmo verso, só que um adaptado à linguagem atual. Não será o caso de constatar-se que os tradutores já estão chegando à conclusão de que a sociedade atual não está aceitando a “virgem” como estado físico, mas, sim, com a conotação de juventude?

Por outro lado, ainda teríamos que desconsiderar que, em Mt 12,46 e Mt 13,55-56, são mencionados os irmãos de Jesus; inclusive, nesse último passo, nomearam os homens - Tiago, José, Simão e Judas-; as mulheres não são quantificadas e nem nomeadas, demonstrando como a sociedade machista da época as tratava. Apesar disso, a dogmática ainda afirma que Maria foi virgem antes, durante e após o parto. Haja fé para acreditar nisso! Para confirmar o que estamos falando, transcrevemos as seguintes explicações em notas de rodapé nas Bíblias:

Mt 2,25: *Enquanto (ou até que)* esta palavra portuguesa traduz o latim *donec* e o grego *heos ou*, que por sua vez estão calcados sobre a expressão hebraica *ad ki* que se refere ao tempo anterior a esse limite sem nada dizer do tempo posterior, cf.

49 Publicações dos anos: 1957, 1977 e 1980.

Gen 8,7; Sl 109,1; Mt 12,20; 1 Tim 4,13. A tradução exata seria: “*sem que* ele a tivesse conhecido, deu à luz...” pois a nossa expressão *sem que* tem o mesmo valor. *Primogênito* quer dizer o nascido em *primeiro* lugar, mas **nada diz contra a virgindade perpétua de Maria** pois, na Bíblia, tem o valor de um termo técnico para significar aquele que deve ser oferecido a Deus e resgatado segundo a Lei (Ex 13,2; Num 18,15-17), que viesse a ser o filho mais velho que continuasse filho único. Exemplo frisante do uso do termo nesse sentido, se encontra no epitáfio de Arsino é que morreu “nas dores do parto do meu primogênito”. ⁽⁵⁰⁾ (grifo nosso)

Mt 1,25: Mateus afirma **a virgindade de Maria antes do parto**. Que ela **tenha permanecido virgem no parto e depois dele**, nós o sabemos pelos santos Padres e pela Igreja, e é verdade de fé católica, isto é, universalmente admitida, embora ainda não tenha sido definida solenemente. ⁽⁵¹⁾ (grifo nosso)

Lc 1,34-35: Maria, ciosa da sua virgindade, da qual fizera doação a Deus, pede explicações acerca do ministério da maternidade divina, anunciado pelo anjo. A resposta é que Deus realizará um estupendo milagre. Ela se tornará mãe por virtude do Espírito Santo e dará à luz o Filho de Deus encarnado, **conservando o privilégio da virgindade**. ⁽⁵²⁾ (grifo nosso)

Considerando a localização histórica do evento, é totalmente anticientífico se afirmar que Maria se manteve virgem “no parto e depois dele”.

O interessante é que, nessa última explicação, vão além do que se conhece de Maria para afirmar que ela tenha feito voto de castidade, e que, por algum ato milagroso, tenha, depois do parto, “conservado o privilégio da virgindade”. Quanto ao primeiro ponto, trazemos essa explicação dos tradutores da Bíblia de Jerusalém:

Lc 1,34: A “virgem” Maria é apenas noiva (v. 27) e não tem relações conjugais (sentido semítico de “conhecer”, cf. Gn 4,1 etc.). Este fato, que parece opor-se ao anúncio dos vv. 31-33, induz à explicação do v. 35. **Nada no texto impõe a ideia de um voto de virgindade**. ⁽⁵³⁾ (grifo nosso)

Então, temos, aqui, tradutores contra tradutores; não é fato?

Em relação ao suposto “privilégio da virgindade” é algo que nos soa bem estranho, pois, naquela época, a mulher que não gerasse filhos era abandonada pelo marido e desprezada pela sociedade.

Resta-nos um último ponto, que nos causou estranheza, em virtude da seguinte fala de Küng: “[...] uma das últimas profissões de fé (antes de Paulo) reza o seguinte na introdução: Jesus Cristo foi 'constituído Filho de Deus ao ressuscitar dos mortos'

50 Bíblia Barsa, p. 2 - NT.

51 Paulinas 1980, p. 1061.

52 Paulinas 1980, p. 1121.

53 Bíblia de Jerusalém, p. 1787.

(Rm 1,4)".⁽⁵⁴⁾

Ora, se Jesus tornou-se “Filho de Deus” ao ressuscitar dos mortos, então qual o sentido de lhe atribuírem o nascimento como sendo por obra do Espírito Santo, que o fazia “filho de Deus”? Ou será que se tornou “filho de Deus” por ocasião do seu batismo (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22)? Ou, ainda, quando Moisés e Elias lhe apareceram no Monte Tabor (Mt 17,5; Mc 9,7; Lc 9,35)?

Vejamos este texto de Lázaro Luiz Trindade Freire (1964-), psicanalista, escritor e filósofo brasileiro, disponível na Internet:

Conhecem Essa História?

Havia um mestre que, dizem, teria sido gerado por uma virgem. Nascido de descendentes dos reis legítimos⁽⁵⁵⁾, em um período em que seu país encontrava-se na mão de usurpadores, nem um pouco ligados às tradições religiosas ou ao bem do povo.

O nome pelo qual passou a ser conhecido no Ocidente, embora na verdade falado em outra língua, lembra a sonoridade do conceito grego de Christos, ou os radicais presentes no “Espírito Crístico”.

Várias profecias indicavam que este menino poderia vir a ser o Rei.

Alguns achavam que isso se daria no sentido religioso. Mas outros, no sentido político⁽⁵⁶⁾.

As pessoas esperavam d’Ele um salvador. Afinal, esta seria uma encarnação⁽⁵⁷⁾ do segundo aspecto⁽⁵⁸⁾ de Deus, que é um só⁽⁵⁹⁾, mas se divide em três pessoas⁽⁶⁰⁾.

Diz a história que o rei usurpador, de família ilegítima, mandou MATAR todos os primogênitos, forçando os pais do menino salvador a fugir com ele.

Foi criado de forma aparentemente humilde, mas dava mostras de sua sabedoria. Deixava escapar também traços de erudição que indicavam educação primorosa (talvez patrocinada pelos que apoiavam a família real, que tentava voltar ao trono).

54 KÜNG, *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*, p. 73.

55 N.T.: Bharata, a descendência que se fundia com a própria Índia, e que dava caráter de etnia e identidade cultural. A própria Índia era chamada de Maha-Bharata, ou Grande Bharata: a GRANDE família.

56 N.T.: A separação entre estado e religião é recente. Na história, a lei de Deus era a justiça humana. O sacerdote era o juiz. O rei, César, Papa ou Faraó era sempre (no mínimo) representante de Deus. Vide reis judaicos (David, Salomão), Aiatolás do Irã, presidentes fundamentalistas árabes, etc. Texto sagrado é o código civil e penal, pois o poder é sempre exercido em nome de Deus. Logo, esperar um rei religioso era esperar um líder político também.

57 N.T.: Avatar: Emissário celeste; Canal da divindade.

58 N.T.: Vishnu: equivalente ao Filho para os cristãos, à Ísis para os egípcios, ou ao Fixo para os astrólogos. Amor, conservação e manutenção do que foi criado.

59 N.T.: Brahman, com N, o Deus não personificado, a soma de todos os deuses e criaturas. O Supremo, o Tao, o Todo, O Grande Arquiteto Do Universo.

60 N.T.: Brahman se divide em três aspectos (tal manifestação fenomênica é conhecida com o nome de Trimurti): Brahma (O Criador), Vishnu Narayana (O Mantenedor), e Shiva Nataraja (O Transformador). O segundo aspecto reencarna de tempos em tempos, para trazer a luz celeste entre os homens.

Após uma infância pouco documentada, deu algumas mostras de seu poder na adolescência.

Após mais algum tempo, em idade adulta jovem, revelou-se como presença divina. Sua presença coincide com uma época de grandes conflitos. Durante esta fase de ocupação de suas terras e tentativas de revolução, faz questão de deixar claro que precisamos separar o que é de Deus, notando que o impermanente não é deste mundo.

Quebra paradigmas, ensina morais estranhas, faz questão de que cada um cumpra o que é seu papel. Ensina, literalmente, que ELE é o CAMINHO até o Pai ⁽⁶¹⁾. Que é necessário fazer os trabalhos, mas que podemos ofertar a Ele ⁽⁶²⁾. Unir-mo-nos a ele, que é Caminho, que é Verdade. Não porque ele seja egoico, mas porque ele está ligado com o Criador.

Com o seu exemplo de amor, e o sacrifício que simboliza sua encarnação, nos ensina que é difícil, para nós, nos ligarmos com o intangível; mas que já dá para nos ligarmos com um salvador conhecido. Como ele é ligado a Deus, ligando-nos a ele pegamos “carona”...

Acaba sendo morto ainda jovem, de forma trágica ⁽⁶³⁾, pouco depois de sua revelação como Presença Divina.

Não escreve nada, mas alguns registram parte da sua vida, especialmente as próximas da morte, onde despeja toda a sua sabedoria. Os trechos registrados são pequenos ⁽⁶⁴⁾, mas capazes de mudar por milênios a nossa noção religiosa de causa e consequência, trazendo nova luz sobre a natureza do espírito e sua sobrevivência ao corpo.

Os poucos capítulos sobre sua vida em presença divina são inseridos como parte das escrituras sagradas de seu país, e são traduzidos para praticamente todas as línguas do mundo ⁽⁶⁵⁾.

O novo livro, com o relato da vida do Deus Vivo, é mais popular e citado, individualmente, do que a própria obra religiosa maior que o contém.

Antes de morrer, deixa claro que irá voltar, no futuro ⁽⁶⁶⁾. Fazem religião em Seu Nome, mas Ele mesmo nunca foi adepto destes preceitos religiosos, até porque nunca fundou religião alguma, nunca foi moralista, nunca foi de trocar sabedoria por rituais e não podia frequentar o que só fizeram depois Dele...

Conhecem esta história?

Esta é a história de Krishna, que viveu em 3000 A.C., na Índia.

Somos Todos Um Só!

61 N.T.: Deus.

62 N.T.: Ensinamentos do Baghavad Gita, onde Krishna fala sempre em “ofertar A Mim”, “Eu Sou o Caminho”, “Faz em Meu Nome”.

63 N.T.: Krishna morre flechado, após ensinar sobre Carma e Dharma a Arjuna, [por] um arqueiro.

64 N.T.: As lições estão registradas no Baghavad Gita.

65 N.T.: O Bhagavad Gita é um dos livros que compõe o épico sagrado MAHA-BHARATA.

66 N.T.: Krishna foi a oitava encarnação de Vishnu. Rama teria sido a sétima. Há controvérsias quanto a nona encarnação (Buda, Jesus, Chaytania ou Paramahansa Ramakrishna). Espera-se uma décima encarnação, conhecida esotericamente como Kalki, muito embora algumas correntes tenham seus fortes indícios para achar que já tenha vindo, e outros preferam achar que Kalki será uma onda, e não mais uma “pessoa”.

São Paulo, 13 de maio de 2004. ⁽⁶⁷⁾

É deveras desconcertante a relação dessa história com o que dizem ter acontecido com Jesus; só com o importante detalhe de que a acima transcrita foi contada muito antes da que se narra sobre ele.

Entendemos que algumas pessoas devem reformular o conceito que têm de moral, pois achar que a moral do homem está relacionada a seu órgão sexual é desvirtuar totalmente o significado dessa palavra. Ainda vamos mais longe; achamos que devemos passar todos os conceitos teológicos do passado por uma ampla revisão, já que muitos deles estão impregnados de prepotência e de um egoísmo eclesiástico incomum, pelos quais verdades foram dobradas às conveniências religiosas, visando, a todo o custo, dominar a mente dos fiéis; quiçá era desejo dominar toda a humanidade... Intolerância, guerras, cruzadas, inquisição, etc. foram as armas utilizadas pelos religiosos do passado, apoiados pelos teólogos, para impor, a ferro e fogo, suas teorias completamente distorcidas dos ensinamentos de Jesus.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Novembro/2002

(revisão maio/2012).

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
 Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
 Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
 Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
 Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
 Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

67 FREIRE, *Conhecem essa história?*, disponível em http://www.voadores.com.br/site/geral.php?txt_funcao=colunas&view=4&id=91

- Novo Testamento, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CARPENTER, E. *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*. São Paulo: Tahyu, 2008.
- HARPUR, T. *O Cristo dos pagãos*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARRIS, S. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- KÜNG, H. *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.
- LENTSMAN, J. A. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
- LEWIS, H. S. *A vida mística de Jesus*. Curitiba: AMORC, 2001.
- MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F. M., *Dicionário Bíblico Universal*, Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1996.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, vol. 1, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TRICCA, M. H. O. *Apócrifos I- Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 1995a.
- TRICCA, M. H. O. *Apócrifos II - Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 1995b.
- VERMES, G. *Natividade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FREIRE, *Conhecem essa história?*, disponível em http://www.voadores.com.br/site/geral.php?txt_funcao=colunas&view=4&id=91. Acesso em: 13 dez. 2017.